

NA LIMINARIDADE ENTRE VELHAS E NOVAS PRÁTICAS: UM ESTUDO DE PARTICIPAÇÃO E GÊNERO NO MOVIMENTO *HIP HOP* DA CIDADE DE RECIFE.

Autora: Shirley de Lima Samico - UFPE
Co-autora: Mônica Rodrigues Costa - UFPE

Resumo:

Tomando como referência uma antiga indagação de Laclau (1983) acerca do rompimento ou da continuidade de certo imaginário mobilizatório totalizante, o presente trabalho pretende evidenciar que os discursos políticos adotados pelo movimento hip hop, embora combata as discriminações e as restrições a que estão sujeitos jovens moradores de periferia, no que tange as questões de gênero apresenta discursos e posicionamentos moralistas e discriminatórios, que resultam em contradições à luta pelas desigualdades sociais que o próprio movimento defende.

Acerca do movimento *hip hop* da cidade de Recife a entrada desses sujeitos em cena - as jovens mulheres -, torna o movimento mais plural, fato que tensiona a participação no hip hop. Tal entrada não constitui igualdade de participação. Assim, a partir de análise qualitativa, enfatizar as restrições, possibilidades e normatividades acerca da participação no movimento hip hop.

Palavras Chaves: Movimentos Sociais, Participação Juvenil e Gênero.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir as liminaridades presentes entre as velhas e novas práticas dos movimentos sociais. A liminaridade é um termo utilizado por Van Gennep e corresponde a situações transitante; de estar no limite entre uma prática e outra. Tal discussão será pautada a partir dos discursos políticos do movimento *hip hop* da cidade de Recife. Percebe-se que embora ele esteja situado na dinâmica dos Novos Movimentos Sociais (NMS), suas ações encontra-se com reproduções de algumas praticas tradicional.

As discussões acerca dos movimentos sociais contemporâneos - Novos Movimentos Sociais (NMS) – versam sobre característica de cunho participativo (SANTOS, 2001), pluralidade dos atores (LACLAU, 1983), democratização das praticas internas (SCHERER-WARREN, 2009), solidariedade (SADER, 1988) em detrimento de antigas práticas centralizadoras, burocráticas e autoritárias (SCHERER-WARREN, 2009).

Os NMS emergem a partir da década de 1980 e voltam sua atenção sobre a realidade social, atuam em transformações culturais e políticas substantivas a partir da cotidianidade dos autores envolvidos (SCHERER-WARREN, 2009). Nessa atmosfera evidencia o movimento *hip hop*. Surge no Brasil final da década de 1970 e início de 1980 com o objetivo de denunciar as desigualdades sociais vivenciadas no cotidiano dos jovens pobres e negros.

Suas contestações se dão a partir de manifestações artísticas culturais que compõe os chamados quatro elementos do movimento *hip hop*, a saber, o *break* (dança), *graffiti* (desenho), *Mc* (Mestre Cerimonia- discurso) *Dj*, (*Disk Jockey*- instrumental). Na cidade de Recife esse movimento possui um público majoritariamente masculino, no entanto, desde a década de 1990, existem mulheres nesse espaço. O que se questiona é o porquê essas integrantes não possuem visibilidade já que estão presente há um tempo apreciável?

Observa-se que esse espaço apesar de vocalizar as desigualdades sociais, inclusive desigualdades de gênero, por outro lado, reproduz em seus discursos praticas sexistas, machistas e até mesmo discriminatórias. Assim, a questão das relações de poder parece versar sobre práticas tradicionais que limitam a participação igualitária entre integrantes do movimento.

Esta discussão será evidenciada a partir dos discursos dos jovens integrantes do movimento *hip hop* registrados em atividades de observação participante nos eventos

realizados pelo movimento. A análise é de ordem qualitativa e etnográfica, tendo a observação participante (MALINOWSKI, 1984) como principal ferramenta.

QUESTÕES ACERCA DAS CONFIGURAÇÕES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os estudos sobre os Novos Movimentos Sociais emergem a partir da década de 1970 e significam um momento de revisão paradigmática acerca das abordagens teóricas sobre movimentos sociais, mais especificamente marxistas (teoria de classe) e funcionalistas (comportamentos e ações coletivas). Tais abordagens levam em conta o aspecto externo do movimento, que se configura enquanto um grupo homogêneo; promovem interesses compartilhados e buscam transformações dentro de uma situação estrutural comum, uma condição de classe.

A partir de mudanças ocorridas após a década de 1960, notadamente nos Estados Unidos e Europa essas discussões tornam-se insuficientes para descrever os conflitos sociais. Fala-se dos movimentos estudantis de Paris, movimento *hippie*, protestos contra Guerra do Vietnã, liberação feminina, ações que não podem ser explicadas apenas por orientações econômicas, mas também envolve questões de identidade, solidariedade, cultura.

Nessa atmosfera, as discussões sobre NMS emergem uma fronteira no que diz respeito às análises sistêmicas e estruturais e lança seu olhar tanto para sua unidade externa como também as relações conflitivas que surgem a partir da pluralidade dos sujeitos envolvidos. De acordo com Scherer-Warren, os NMS evidenciam o potencial político e transformador da sociedade civil, colocando que a transformação não se dá somente de forma vertical, em que o aparelho estatal modifica a sociedade, mas, sobretudo a partir de ações orgânicas da sociedade civil. Santos (2001) também evidencia essas transformações a partir da emergência dos NMS e afirma que eles possibilitam debates acerca da relação entre subjetividade e cidadania.

Frente a la transformación de lo cotidiano em uma red de síntesis momentâneas y localizadas, de determinaciones globales y maximalistas, el sentido comum y el vulgar del día a día, tanto público como privado, tanto productivo como reproductivo, se desvulgarizan y pasan a ser oportunidades únicas de inversión y protagonismo personal y de grupo. De ahí la nueva relación entre subjetividade i ciudadanía. (SANTOS, 2001, p. 180).

Tais possibilidades de diálogos entre subjetividade e cidadania é fruto da inserção de novos atores. A presença de novos sujeitos favoreceu uma democratização das formas hierárquicas de organização e a questão da autonomia dos autores envolvidos. Levantam

também novas formas de opressão, tendo a temática de gênero como transversal nos movimentos da realidade contemporânea. Entretanto tais configurações assumem diferentes formas e de acordo com a autora é uma questão que parece ainda não estar resolvida (SCHERER-WARREN, 2009, p.58).

Eder Sader (1988) em seu livro, “Quando novos personagens entram em cena” sinaliza para a produção de novos sujeitos a partir da emergência dos chamados NMS. Sujeitos esses coletivos, ligados a associações comunitárias onde a “solidariedade” se torna uma marca forte, diferente do sujeito moderno individualista e racional. A inserção desses novos valores também direcionam novos lugares para a luta política. Entretanto, segundo o autor, as lógicas de poder não foram modificadas.

A partir dessas transformações, Laclau (1983) questiona “em que medida as novas mobilizações rompem com um imaginário totalizante ou, ao contrário, em que medida elas permanecem aprisionadas nele?”. Por imaginário totalizante o autor faz referencia a mobilizações que se baseiam em um modelo de sociedade total e um único conflito. Esse direcionamento corresponde a tradicionais ações coletivas dos partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais que se configuram enquanto ações hierárquicas, autoritárias e que reduz a pratica politica a uma relação de representação.

UMA INCURSÃO ETNOGRÁFICA

A pesquisa foi realizada junto a jovens, do sexo feminino e masculino, integrantes do movimento *hip hop* da cidade de Recife. Tais jovens não necessariamente estão enquadrados na faixa etária fornecida pela (UNESCO, 2004) que destaca a categoria de jovens em três momentos, adolescentes-jovens (dos 15 aos 17 anos), jovens-jovens (dos 18 aos 24 anos) à jovens-adultos (dos 25 aos 29 anos). No movimento, encontra-se integrantes acima dos quarenta anos, que são muitas vezes denominados como da “escola velha” ou “antiga escola” de *hip hop* que surgiu a partir da década de 1980. Assim a juventude aqui sinalizada não se refere a critérios etários, mas a um estilo de vida que estar ligado a um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adquire (GIDDENS, 2002).

Para dar conta de suas expressões culturais, das várias linguagens que envolvem a investigação, das relações entre os jovens homens e mulheres, o trabalho será de ordem qualitativa, de natureza exploratória, de modo a ter uma visão geral e aproximativa (GIL, 1999) sobre a questão de gênero no movimento *hip hop*.

A pesquisa qualitativa evidencia o respeito pela experiência de vida e a atenção aos finos detalhes da vida cotidiana (NORMAM & YVINA, 2006). Essa ordem possui uma postura epistemológica que identifica os indivíduos a partir de uma contextualização histórica e social. De acordo com Machado Pais (2003, p.16), “são as análises qualitativas dos usos do tempo as que melhor permitem evidenciar a vida quotidiana como um domínio de possível emergência e desenvolvimento de tensões e conflitos”.

Nesse processo, procurou-se apanhar o(a)s jovens através de seus cotidianos em contextos vivenciais próprios dos eventos promovidos pelo movimento; reuniões, mutirões de grafite¹, Polo *Hip Hop*, Ganga *B-boys* e *B-girls*, Batalha de *MC's* dentre outros. Esses espaços demandam de uma pesquisa mais participativa, a fim de apreender a complexidade das experiências.

De acordo com Geertz (2002, p.27) “o abismo entre o “nós” e o “eles” é um grande obstáculo à compreensão significativa do Outro, um obstáculo que só pode ser superado através de alguma forma de participação no mundo do Outro”.

NOVAS MOBILIZAÇÕES, VELHAS PRÁTICAS: OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES INTERNAS DO MOVIMENTO *HIP HOP* DA CIDADE DE RECIFE.

A ampliação e diversificação das formas de organização política fortalece a construção de uma sociedade civil organizada e diversificada (ÀVILA, 2001). Essa diversificação redefine os espaços de conflitos e os sentidos das desigualdades a serem combatidos, tendo presente não só as desigualdades de classe, como também as de gênero, raça/etnia.

A inclusão de novos sujeitos questiona opressões e lógicas de poder que até então estavam naturalizados no plano da cidadania. Essas evidências sinalizam para a importância de uma ação política que politiza a vida social. Quando as feministas levantam o *Slogam* “o pessoal é político”, elas chamam atenção para a necessidade de ampliar a esfera democrática trazendo a política para as relações micro, cotidianas, que versam sobre relações opressoras de poder. Assim, em vez de tomar o poder estatal, os NMS vão adentrar para uma luta que inclui uma transformação cultural.

¹ Os mutirões são atividades realizadas mensalmente nas comunidades com o objetivo de dar visibilidade ao movimento *hip hop*, desmistificar o seu trabalho e aproximar-se da comunidade e dos seus jovens.

Tais movimentações vão direcionar a necessidade de olhar as relações internas dos movimentos e questionar lógicas de poder que versam sobre a participação. De acordo com Melucci (2001) para se extrair a unidade de um movimento social é importante antes olhar para os elementos que compõem a sua pluralidade de “orientações, significados e relações” (p.32, 2001). A pluralidade de sujeitos promove diversos discursos, significados, formas de ação, que ao tempo todo estão sendo negociadas a fim de manter unidas as diferenças. Portanto a questão da unidade essencial e qualquer identificação supostamente natural passa a dar lugar a afinidades e coalisões.

Nesse bojo, busco lançar o olhar para contextos vivenciais do movimento *hip hop*, contextos esses onde acontecem os cruzamentos de diálogos que são perpassados de poder, antagonismos e conflitos. Tal análise tem como ferramenta metodológica a observação participante, pois “exige que o pesquisador conviva com a população estudada, fale sua língua e, à medida que obtém a confiança no grupo, participe da sua vida cotidiana, dos seus rituais e cerimônias” (DURHAM, 2004, p. 44). Os acompanhamentos aos eventos do movimento foram importantes para podermos acessar o cotidiano dos jovens, espaço esse que visualizamos as relações de poder presentes nesse microuniverso.

O movimento *hip hop* na cidade de Recife surgiu na década de 1980. É um espaço constituído hegemonicamente por homens, o que não descarta a presença de mulheres. A partir da década de 1990 o número delas vem crescendo cada vez mais. Hipotetiza-se que esse crescimento da participação de mulheres está associado ao ingresso da mulher em geral na esfera pública e ações mobilizadas pelo movimento feminista que, direta e indiretamente vem provocando transformações culturais nas posições socialmente estabelecidas para homens e mulheres.

No entanto se por um lado, essa inserção feminina desafia as posições de gênero, elas ficam aprisionadas a definições de ser homem e ser mulher. Assim percebe-se limites para a participação dessas jovens, restrições essas que tem haver com comportamentos sexuais, padrões corporais específicos, ocupação de posições no espaço.

Apesar da crescente inserção de mulheres, elas ainda aparecem enquanto “sujeitos implícitos” (ALMEIDA, 2010). Embora atuantes no movimento *hip hop* ao longo dos anos, sua participação não se destaca enquanto interlocutoras políticas da mesma forma que os homens. Não queremos com isso afirmar que não existem mulheres lideranças nesse espaço, no entanto os percursos são mais íngremes e duplamente desafiadores para elas.

O acompanhamento das atividades no movimento mostrou algumas tensões que diz respeito a desqualificação da arte feminina. A jovem grafiteira, por exemplo, como diz elas, são “duplamente avaliadas”, por ser mulher e artista. Percebe-se também que houve momentos de grafiteiros passarem sua arte por cima de artes de mulheres, fato que contraria códigos de conduta do movimento.

Quando perguntados sobre a questão das mulheres no *break*, os jovens dimensionam logo a força. A força é um componente que pesa na concepção dos *B.boys* e *B.girls*. Esse fato faz com que as mulheres sempre permaneçam em situação de desprivilegiada. Apenas as excepcionais, que treinam muito, conseguem chegar ao patamar dos homens. A questão da técnica não é uma indicação que pondera na avaliação das acrobacias comentadas por eles.

Ainda em relação à dança também se percebe que há postos que elas podem estar e padrões corporais a seguir. Relatos das jovens registram que antigamente, para entrar no *break* era necessário vestir e se portar igual a eles. Atualmente elas descrevem que isso tem mudado, sobretudo pela crescente presença feminina, no entanto a questão da autonomia e performances próprias e femininas ainda é um ponto crítico a ser conquistado.

Essas questões ligadas a autonomia também são visíveis nas relações afetivas sexuais. A pesquisa de campo aponta vários comentários e reclamações delas que o tempo todo são referenciadas enquanto a companheira (namorada, esposa) de “fulano”. Sua autoria na maioria das vezes é invisibilizada a sombra de um homem. Percebe-se também que essas jovens comprometidas só frequentam os espaços que o namorado estar e dificilmente dialogam com as outras jovens ou jovens. Tais limitações são complexas, mas são frutos de relações vigiadas que se estabelecem tanto entre eles, quanto entre os e as jovens do movimento.

No que se refere as jovens solteiras elas também são vigiadas em seus comportamentos sexuais e práticas que socialmente não são legitimadas para mulher. Chegamos a ouvir comentários de alguns jovens sobre a intensão de algumas mulheres entrarem no movimento “só para paquerar”. Tais comentários também são reproduzidos por algumas outras jovens mulheres. Percebe-se também que a jovem que consome bebida alcoólica ou outras drogas também é mal vista por eles, fato que não acontece com os homens.

De acordo com Roberto Da Matta (2010), uns dos percursos metodológicos da observação de campo é mutação do exótico no familiar e familiar em exótico. Esse exercício

faz parte do processo de relativização e questionamentos de categorias naturalizadas. Acerca dessas indicações metodológicas, questionamos ausências de mulheres nos elementos *DJ* e *Mc*. De acordo com o mapeamento realizado em 2012, percebe-se que existem 86 mulheres no movimento *hip hop* da cidade de Recife. Dessas quarenta e seis encontram-se no *graffiti*, vinte e seis no *break*, cinco atuando no elemento *Mc* e nenhuma atuando no elemento *Dj*.

Esses dois últimos elementos juntos compõem o *rap*, estilo musical que possui maior circulação midiática e atua enquanto uma forma de contestação das desigualdades sociais. Na cidade de Recife desde 2009 têm-se registros de doze jovens mulheres *Mc*'s. Atualmente percebe-se que cinco delas estão afastadas. A explicação de tais afastamentos se referem a 1) término de relacionamentos afetivo sexual; 2) matrimônio e responsabilidades com filho(a)s e 3) busca de outras oportunidades, como investimentos em estudos e empregos. O que se questiona é o porquê delas saírem ao fim do namoro ou com o advento do matrimônio? Esses e vários outros porquês não estão presentes na dinâmica de saída dos jovens homens.

Acerca do *rap*, notou-se também que essas jovens *Mc*'s geralmente estavam inseridas enquanto segunda voz e se localizavam ao lado de trás do palco, espaço do *backing vocal*, com pouca visibilidade. Tais indagações se justificam pelo forte controle moral que existe no movimento, notadamente quando se fala de um elemento em que a contestação e visibilidade são diretas. É um espaço que considerado de responsabilidade por eles, de transmissão de mensagem, exposição do seu pensamento. Assim, percebe-se que embora não ausentes, o espaço do elemento *rap e Dj* é valorizado no movimento enquanto um lugar de poder: o poder da fala. O uso da tecnologia frente aos *Djs* também se coloca socialmente enquanto um bem de controle masculino, assim as mulheres que ocupam esses espaços são vistas com características excepcionais, de personalidade forte, por exemplo, fato que as diferenciam das outras mulheres.

CONSIDERAÇÕES

Democratização, participação, horizontalidade. Tais palavras descrevem características presentificadas nos chamados Novos Movimentos Sociais. Esses movimentos também possuem ações comunitárias e a diversidade dos sujeitos atua enquanto força sinérgica das demandas. Tais configurações estão presentes no movimento *hip hop* da cidade de Recife. A chegada de “novos sujeitos” aqui ressaltado pela entrada de mulheres, ao mesmo tempo em que torna o movimento mais plural, é sinônimo de tensão.

A demarcação de papéis é um ponto nodal nas relações dos jovens integrantes do movimento *hip hop* da cidade de Recife. Percebemos que as mulheres têm ocupado todos os elementos artísticos culturais do movimento, no entanto dentro desses elementos há hierarquizações, fato que limita as jovens a ocuparem qualquer posição. Tais relações se identificam enquanto relações de poder hierárquicas que de acordo com os estudos sobre movimentos sociais, correspondem a práticas tradicionais muito frequentes nos partidos políticos, movimentos sindicais, estudantis.

As relações de gênero no movimento *hip hop* se configura um momento de liminaridade entre as velhas e novas praticas dos movimentos sociais. Apesar da presença física, material das mulheres, os significados de gênero ainda versam sobre definições de ser homem e ser mulher. Os códigos morais, machistas e sexistas significam o calcanhar de Aquiles para a garantia de igualdade de participação das mulheres participantes desse movimento.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Lady Christina. **Protagonismo e autonomia de mulheres negras, a experiência das organizações Geledés e Criola**. Fazendo Gênero. diásporas, diversidade, deslocamentos. 2010.

ÁVILA, M. B. Org. **Feminismo, cidadania e transformação social**. In: Textos e imagens do feminismo: mulheres construindo a igualdade. Recife: SOS Corpo, 2001.

DENZIN, Norman e LINCOLIN, Yvonna. Introdução. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In DENZIN, Norman e LINCOLIN, Yvonna. (ORG). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre, Atmed, 2006. (ORG) 16-41

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Ed. Atlas s.a, 1999.

MATTA, R. da. 1983. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 3ª ed.

DURHAM. Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas – o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

LACLAU. Ernesto. **Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social**. Revista CEDLA (*Latin american Studies*) n° 29, São Paulo, 1983.

MELUCCI. Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? Rev. Lua Nova. São Paulo. n°17. junho/1989.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SCHERER-WARREN, ILSE. **Redes de Movimentos Sociais**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2009.

SANTOS. Boaventura de S. **Los nuevos movimientos sociales**. Rev. OSAL. Argentina Setembro/. 2001. p. 177-188.

MALINOWSKI. Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril. 1979.

PAIS. Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. Ed. Cortez, 2003.